Homens? São Todos Iguais[1]

Chrysanthème

[81][2] Era uma noite de inverno glacial e chuvosa. O vento balançava as árvores, suspendendo os agasalhos dos raros transeuntes que se arriscavam a passar pelas ruas, onde as poças d'água refletiam as luzes, triste e mesmo sinistramente. Nos jardins, cães abandonados ganiam de desconforto e respondiam por uivos ao fonfonar dos autos que corriam, ameaçando derrapar. E sob aquele aguaceiro terrível, a bela capital, ainda que refulgente de claridade, apresentava um desusado aspecto de desolação.

Numa casa bem cercada, dando a impressão de um rosto sem olhos, quatro pessoas conversavam em torno de uma mesa, que uma forte lâmpada, velada por um imenso abajur róseo, iluminava.

O dono do lar, um ancião de fartos cabelos brancos, e sua senhora, veneranda senhora que não ocultava a sua verdadeira idade, ostentando com garbo as suas rugas e o quebrantamento de seu queixo, recebiam a visita de um amigo e de uma vizinha, que se dizia muito devotada ao casal. Como a chuva tivesse desabado repentinamente, eles retiveram as duas

---

[1] CHRYSANTHÈME. Homens? São todos iguais. *Revista Primeira*. Rio de Janeiro, ano II, n. 26, p. 81-4, 10 ago. 1928.

[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

visitas, procurando entretê-las com narrações diversas. O amigo, chegado da Europa, contara banalmente os hábitos novos de Paris, a vida cara ali estabelecida e a má recepção feita hoje aos estrangeiros que o visitam, enquanto a vizinha, modernissima no seu *rouge* e no seu vestido, evocara a *season* elegante com os seus teatros, os seus *dancings*, os seus *sports*. Falara no conteúdo das vitrines das lojas da Avenida com arroubo extático, minuciando as modas das toaletes, dos chapéus e das *forrures*. Mas como o ancião ocultasse mal um bocejo e a sua esposa retivesse a meio um sorriso de mofa, o silêncio se fez um instante em volta daquela mesa soberbamente alumiada, onde quatro almas se sentiam como isoladas umas das outras. Na parede, o relógio deixou cair mais claro e vibrante o seu monótono tic-tac e, no quintal, a chuva soou com mais força sobre o cimento das áleas.

Então, o dono do lar, a fim de romper o fastio que anunciava a atmosfera, disse, acendendo um cigarro, para o amigo que fizera o mesmo:

— Vocês, na Europa, não conhecem senão aventuras banais. Imagine-se que vim agora de Mato Grosso, onde apreciei espetáculos admiráveis, embora terríveis na sua essência de brutalidade e de primitividade. A alma do Brasil, fugida da capital, que se civilizou demasiado, encerra-se todas nesses estados imensos, ainda por formar-se belos **[82]** na sua lenta floração, mas perigosos pelos sentimentos germinados neste solo de profundas matarias, onde se erguem monstruosos arvoredos e perpassam caudalosos rios. O homem nestes sertões continua a ser o déspota de outrora, e a mulher, a vítima indefesa, a escrava subserviente do esposo e do pai, que julga ter sobre ela direito de vida e de morte. O feminismo arrepiaria os seus cabelos curtos e arregaçaria as mangas dos seus corpetes, armadas de couraças, se visse o que se passa em alguns lugares desses

estados com os mais meigos e frágeis dos membros desse ser que ele quer elevar e liberar.

— Coitadas das mulheres! — Exclamou num momo a vizinha, que não evocava o feminismo senão nas horas em que o marido a censurava de voltar tarde para a casa no seu correr aos cinemas sem cogitar nas refeições.

Mais inteligente ou mais curioso, o amigo rogou ao velho:

— Continue. Conte-nos o que viu por lá.

— O que eu vi por lá é horrível — murmurou o ancião, mirando a esposa em testemunha. — E, sobretudo, um caso deixou-me arrepiado até hoje e minha mulher ainda chora quando eu o relembro. Se ela me permitir, narro-o aqui para fazer passar o tempo. Senão, calo-me.

Todos os olhares convergiram para a pessoa da dona da casa que, indecisa, contemplava o marido sem nada dizer. Todavia, num encolher de ombros, acabou anuindo:

— Conta, João. Morres de vontade de falar nesse horror. Vamos, começa! Acabarás assim mais depressa.

O velho sorriu, acendeu outro cigarro e principiou:

— Não pensem que a inconstância seja privilégio das cidades. Nos sertões, o homem é o mesmo indivíduo volúvel, traidor e infiel que presenciamos aqui. Somente, em plena civilização, como amedrontado ou numa hipocrisia necessária, ele usa de um tartufismo pegajoso, mas real. Conheci, num arraial de Mato Grosso, um desses espécimens apavorantes que chamamos graciosamente *homme à femmes* e estremeci de asco diante da maneira com que conquistava as mulheres que, por medo, se entregavam a ele.

“Um dia, muito apaixonado, resolveu casar-se, trazendo para a sua choupana bem batida a barro e ornada de redes e de algumas cômodas antigas, uma linda donzela de dezoito anos, para, como dizia ser os serafins e suave, como uma Virgem Maria. Meses depois, enfastiado de tanta doçura e submissão, ele a enganava e traía com todas as outras mulheres do arraial. Sem recriminação nem clamor, a infeliz sujeitava-se a tudo, olhando somente o seu algoz com miradas tristonhas em que borbulhava uma ou outra lágrima mal contida. Isso bastou para que o falsário se indignasse e se pusesse a sová-la sempre que voltava dos seus *rendez-vous* de amor, imaginando ver naquelas ternas pupilas azuis um reproche do seu ato. E, não estremeçam demais, como a desgraçada urrasse aos golpes da correia que lhe ensanguentava o macio e tenro corpo, o monstro, abrindo-lhe à força a estreita boca, cortou-lhe a língua.

“‘Assim não gritarás mais com tanta veemência’, exclamou, limpando o punhal na blusa pendente da calça.

“Efetivamente, se a desditosa agora chorava, ninguém a ouvia. O brutal continuava, entretanto, a sua vida de concupiscência e de sensualismo, sem que a esposa ousasse sequer mirá-lo com qualquer expressão nos dolorosos olhos cor do céu. Aceitava tudo, contanto que lhe conservassem a vida. Uma noite **[83]**, contudo, ébrio e irritado por esse mesmo excesso de bebida, ele imaginou que a miserável o encarava com recriminação e rancor. E, não estremeçam demasiado, com aquele punhal que já lhe cortara a língua ele lhe cegou os olhos.

“‘Assim,’ roncou o infame, ‘tu deixarás de me cravar esse olho de peixe morto ou de passarinho com medo de cobra.’

"Depois desse hediondo crime, o pessoal circunvizinho entrou a se apiedar da vítima e a censurar o criminoso, ameaçando-o de avisar a polícia da localidade.

"Então, astuto e terrível de sangue frio, o monstro decidiu levar a sua mulher às festas do arraial, forçando-a a explicar por gestos a sua mudez e a sua cegueira como acidentes de uma moléstia que a atacara de repente.

"E, moderem os seus calafrios, viu-se nessa hora um espetáculo horrível: aquele espectro de mulher, num rictus que devia ser um sorriso, tomar parte nas noitadas, atracada ao braço do marido, que a beliscava cruelmente quando um sombrio véu de melancolia lhe apagava o rictus que devia ser, para todos, um alegre sorriso e, para o esposo, um agradecimento pela sua bondade e dedicação."

[84] — Que horror! — exclamaram a vizinha e o amigo.

A esposa do narrador escondia os olhos com as mãos.

— E que fim levou essa mulher? — indagou o amigo, em voz rouca.

— Ignoro-o. Quando voltei de lá, ela continuava o seu calvário ao braço do verdugo — afirmou o ancião.

— E a polícia? — insistiu o amigo.

— A polícia, meu caro, não se mete em casos desses. Se aqui ela é incapaz de reprimir e de impedir crimes, quanto mais no sertão.

"Lembro-me ainda da derradeira vez em que avistei essa triste e malfadada rapariga! Era numa noite de São João, estrelada e morna.

"Alguns rapazes, seminus, cantavam ao violão modinhas nostálgicas e lentas, que pareciam suspiros exalados numa melodia repassada de angústia. Envolvida num longo vestido branco, com os cabelos compridos, separados em duas tranças, imóveis sobre o seu dorso curvado pelo peso da

desventura e da crueldade, ela ouvia aqueles sons que recordavam o amor, o beijo e a ingratidão das criaturas. Em que pensava, essa infeliz, ao lado do marido monstruoso que a emudecera e cegara para sempre? Avelhantada e esquálida, a sua fisionomia nada revelava. De repente, vi uma coisa apavorante: dos buracos dos seus olhos, sem luz, duas lágrimas correram vagarosas e cristalinas, perdendo-se nos babados do vestido. E, como se o algoz tivesse adivinhado a emoção ameaçando explodir no seio da sua vítima, com um formidável beliscão, ele lhe arroxeou o braço... A pobre estremeceu, mas da sua boca só saiu um grito inarticulado, que se misturou aos nostálgicos sons dos violeiros. E a festa continuou. Entretanto, observei que, de quando em quando, ela levava a mão, magra e trêmula, ao seio, onde, à força de procurar ver o que ali se escondia, avistei o reflexo de uma medalha santa. A infeliz, nesse contato, suplicava coragem à imagem nela impressa, a fim de poder suportar o seu martírio. Foi a última vez que a vi...”

O silêncio fizera-se pesado e grave na sala confortável e clara do historiador. De súbito, um soluço abalou a calma reinante. Era a dona da casa que chorava, recordando-se não só da desgraça sucedida com uma sua semelhante, mas também das brutalidades, traições e sovas que o marido, quando moço, lhe servira nos momentos em que, indignada, ela lhe censurava o procedimento. Porque, embora filho da civilização, ele fora quase tão algoz como o outro, o do sertão.

A chuva cessara e, entre um soluço abafado da mulher e um sorriso sarcástico do velho, que compreendera tudo, as visitas despediram-se e partiram.

À porta do jardim todo úmido d'água, deixando cair a máscara mundana, o dono da casa disse para a sua companheira, que não conseguira ainda secar os olhos:

— Oh! criatura, quando cessarás de ser idiota? Merecias bem que eu te furasse os olhos, como fez o Miguel à estúpida Maria, que chorava por tudo.

A mulher olhou-o longamente e, com um gesto rápido, mostrou-lhe um polícia que passava...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras

